



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

EDUCAÇÃO PARA A REALIDADE: uma proposta de inclusão da diversidade sexual na educação brasileira

Clarissa Santos Silva

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

clarissabog@gmail.com

Glaycianny Pires Alves Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

glayciannylira@gmail.com

RESUMO

O presente artigo expõe uma investigação de cunho bibliográfico relativa a inserção da diversidade sexual no âmbito escolar, provocando o pensamento para uma tessitura de uma *educação para a realidade*, ao observar seus aspectos ligados à psicologia freudiana e teorias contemporâneas de *Desconstrução* e *Teoria Queer*, no intuito de promover um olhar que suscite o pensamento da Sexualidade para além das questões relegados ao âmbito da reprodutibilidade e saúde pública.

Palavras-chaves: Educação. Sexualidade. Diversidade Sexual.

ABSTRACT

This article exposes a bibliographic investigation related to the insertion of sexual diversity in schools, triggering the reflection to texture an *education for reality*, looking your aspects connected with the psychology of Freud and contemporary theories of Deconstruction and Queer Theory, with the intention of promote an observation that bring reflections about Sexuality beyond the aspects of reproduction and public healthy.

Keywords: Education. Sexuality. Sexual Diversity.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

“Sexualidade é assunto complexo, controvertido e de conceituação difícil. Tem sido alvo de tabus, repressões, distorções e tentativas de reduzi-la a sinônimo de genitalidade e de reprodução” (BEARZOTI, 1993, p.1). O conceito de sexualidade está, quase sempre, ligado a normas *sexuais-reprodutivas* e estereotipadas, sem, contudo, considerar a formação sexual dos sujeitos. E, partindo da constituição formativa do sujeito, a sexualidade está no início e no cerne, como bem propõe a psicanálise freudiana.

Outra conceituação, sumariamente importante, para entender a proposta deste artigo é a de educação – no tocante ao processo educacional institucionalizado. Castanho (2006) fala em “cultura escolar”, que seria, então, o objeto da educação, e essa cultura escolar, muito bem abordada pelo autor, englobaria tanto o aporte teórico-metodológico que faz parte do currículo básico das escolas – no caso, brasileiras – quanto o processo de construção cultural de mão dupla escola-cotidiano, sendo esse cotidiano as situações rotineiras ligadas à vida extramuros escolares do sujeito e que implicam nos seus processos educacionais, a saber: relações sociais, políticas, afetivas, sexuais e demais outras que incidam sobre o sujeito provocando modificações e aprendizagens.

A educação seria, então, um processo de desenvolvimento de aprendizagem que depende não apenas do conteúdo curricular, mas de uma série de fatores externos e internos (individuais) que incidem sobre o sujeito. No tangente a esses processos, as práticas escolares não devem apenas transpor informações didáticas e *conteudistas*, mas expor os aprendizes a uma realidade que desacomode e construa aprendizagem. Jean Piaget (1996), já na década de 90 falava em construção do processo de aprendizagem por acomodação, assimilação, organização e equilíbrio. Para tanto o sujeito aprendiz deve deparar-se, na escola, com situações que o ponham em desequilíbrio, e essas situações são transpostas do ambiente exterior à escola, sua vida, seu cotidiano.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Carrara (2004), tendo o suporte teórico de Freud, afirma que “a dissimulação dos adultos no trato com a sexualidade levava as crianças à neurose ou à perversão” (p. 39), sendo a inclusão das sexualidades não apenas importante, mas saudável em última análise.

A educação voltada para a realidade seria, então, uma proposta de enfrentamento da vida de maneira a estimular o sujeito, submetendo o princípio do prazer ao princípio da realidade e fundando, no indivíduo, uma concepção ampla sobre os saberes da realidade e da escola com uma clara evolução nas concepções individuais e sociais. Nesse enfoque, a educação sexual seria não apenas preventiva do adoecimento, mas instigadora da aprendizagem (tanto no âmbito da escola quanto na sociedade como um todo) e propiciadora do desenvolvimento como um todo. (FREUD, 1917)

Concatenando as ideias: “No começo era o sexo e o sexo estará no fim. O sexo, como característica do homem e da sociedade, sempre foi central e assim vai continuar a ser” (GOLDENWEISER, 1929 apud MOTT, 2007). Nesse sentido, se a sexualidade – aqui colocada como sexo propriamente dito – sempre foi algo presente e prezado, não há sentido, portanto, em retirá-la ou restringi-la – no sentido de normatizar, fechar, definir e retirar as diversidades outras, *ligadas ao sexual* – das vistas, e mais, dos currículos escolares dos sujeitos em formação, mas, pelo contrário, inseri-la em um patamar de admissão da realidade última – social e visível a níveis exteriores ao âmbito escolar – no cotidiano institucional-educativo do indivíduo.

Os enigmas do universo só lentamente se revelam à nossa investigação. Existem questões às quais o homem, atualmente, não pode nos dar respostas, mas, o trabalho científico constitui o único caminho que pode nos levar a um verdadeiro conhecimento da realidade externa a nós. (FREUD, 1927, p.108)

Já Freud, no século XX salientava a importância da produção científica, nesse intuito, e firme na crença de que a publicação de cunho científico pode produzir resultados práticos que se encaminhem para uma configuração mais real e mais proveitosa do processo de aprendizagem e inter-relações com as sexualidades múltiplas, dentro da escola e com repercussão da vida cotidiana dos aprendizes escolarizados, este artigo tem como objetivo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

propor a inclusão de conteúdos relacionados as diversidades sexuais na educação brasileira, com o desígnio de levar a realidade nas novas – nem tanto assim – constituições sexuais para o âmbito da escola, embutindo, já nas crianças em formação, o respeito à diversidade e, principalmente, ao outro.

Metodologia

Segundo Luna (2000) o método de pesquisa deve ser congruente com o objetivo geral e com os objetivos específicos da pesquisa. Seguindo esse conceito, o método mais adequado aos objetivos deste artigo é o levantamento bibliográfico.

A restrição de bibliografias acerca do tema proposto, bem como a grande variação entre os anos de publicação do aporte material, mostrou a necessidade de delimitação temporal no tangente ao material base para a execução deste artigo. Para tanto, delimitou-se que para a leitura, análise a produção científica as referências bibliográficas restringem-se ao intervalo dos anos de 1927 a 2014.

Galvão (2010) aponta para as vantagens da utilização do método de levantamento bibliográfico, ressaltando os benefícios referentes à prospecção da informação e potencialidade de intelectualização e conhecimento coletivos; aponta, ainda, que um levantamento bibliográfico eficaz é um instrumento inicial de grande valia para qualquer dos métodos a se escolher.

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377)

Justifica-se, portanto, a escolha do método, por suas vantagens, assim como pela sua adequação ao proposto neste artigo. Ressalta-se, ainda, a importância da revisão de literatura, aqui exposta como levantamento bibliográfico, no sentido de atualização e reformulação dos pressupostos teórico-científicos.

Resultados e discussão

O que nos compete, como educadores/as e/ou pesquisadores/as, no campo do gênero e da sexualidade, é desencadear o debate e, quem sabe, abalar um pouco as nossas próprias certezas. (FELIPE, 2007, p.9)

Ao lançarmos olhar sobre as bases teóricas que coadunam com o pensamento enviesado na desestruturação da normatividade vigente, encontraremos na perspectiva *pós-estruturalista* o arcabouço que circunscreve dois outros conceitos fundamentais na contemporaneidade: a *Desconstrução* e a *Teoria Queer*. O *pós-estruturalismo* pauta suas veredas na tensão da regulação estruturalista e desestabilização dos discursos, provocando a problematização e exploração das relações entre saber, poder e verdade (MEYER; SOARES, 2004). Assim, configura-se terreno fértil para o pensamento de *Desconstrução* proposto por Jacques Derrida, principalmente ligado a análise dos discursos, “desconstruindo o simbólico” e compreendendo o contexto no texto (e não o inverso), como explicitado por Mário César Lugarinho:

Desconstruir está além da dessacralização, além da acusação de que a ideologia é o que constrói a nossa forma de compreender o mundo. Desconstruir é uma forma de fazer com que o mundo seja percebido no fulgor dos sentidos que proliferam por todos os objetos (LUGARINHO, 2001, p.3).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A *Teoria Queer*, perpassa os mais diversos campos teórico-científicos conclamando a reflexão e problematização da heteronormatividade instituída como ordem natural do desejo - o que exclui e/ou subalterna as demais identidades sexuais. Empunhando discursos no sentido de desconstruir as desigualdades e iniquidades de gênero, “a *Teoria Queer* provê ferramentas conceituais e teóricas para desconstruir ontologias do social e da cultura construídas em uma perspectiva masculinista e heterossexual” (MISKOLCI, 2014, p.35).

Reconhecendo na Educação solo basilar para formação e emancipação dos sujeitos, compreenderemos como a inserção do pensamento voltado para a igualdade de gênero e direitos sexuais nesta esfera pode fértilmente gerar mudanças nas estruturas sociais e políticas heterossexistas, estabelecidas no discurso vigente e naturalizado.

As instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais. (FELIPE, 2007, p. 3)

Sendo a Sexualidade um aspecto criado psicológico, social e politicamente - para além do biológico - evidencia-se a importância da inserção das problemáticas de gênero nas políticas públicas brasileiras, principalmente voltadas a Educação. No entanto, ao observarmos a inclusão do conteúdo ligado à Sexualidade nas Escolas, poderemos entrever o quanto instaura-se um condicionamento do tema à *genitalidade e reprodução* já mencionada por Paulo Bearzoti (1993), bem como, aos aspectos de *contaminação e prevenção*, que abarcam o espaço da Saúde Pública. Deste modo, acabam por não problematizar as questões relacionadas às “posturas, crenças, tabus e significados masculinos e femininos associados à Orientação Sexual” (VIANNA; UNBEHAUM, 2004, p. 100-101), tampouco as dissidências de gênero.

Os aspectos sociais, históricos e culturais que revolvem as fronteiras da diversidade sexual, carecem ser reconhecidos, refletidos e problematizados no âmbito escolar. Para tanto, é preciso ampliar a abordagem teórico-conceitual relegada atualmente a esta temática. Jane Felipe (2007) levanta alguns aspectos fundamentais para empreitar uma nova guinada na abordagem dos gênero e sexualidade no campo da educação: a *ampliação dos estudos e pesquisas em torno da sexualidade* (envolvendo os outros campos do conhecimento além da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

biologia), *abordar a interação gênero-sexualidade no tocante às relações afetivo-sexuais* (amor, conjugalidade, família, corpo, misoginia etc.), *desenvolvimento de mais pesquisas de cunho etnográfico, utilização dos diversos artefatos culturais* (livros, brinquedos, revistas, programas televisivos etc.) e *investimento na formação inicial e continuada de professores*.

Deste modo, podemos reconhecer como a Sexualidade representa campo fértil de exploração didática e pode ser abarcada em aspectos que tecem vias pelos mais diversos campos do conhecimento. A diversidade sexual não deve ser receada ou encoberta dentro do âmbito escolar, por representar discrepâncias da heteronormatividade socialmente estabelecida. Pelo contrário, ao levantar um pensamento que vigore em desconstrução, que desacomode a regularidade da reflexão do educando, provoca-se o *aprendizado pela diferença*, o reconhecimento e respeito da alteridade e a formação emancipatória dos sujeitos.

Conclusão

Reconhecer as dissidências, problematizar a norma e suscitar a reflexão empática é a abertura para formação à humanidade e respeito à alteridade. Uma *educação para a realidade*, que inclua o reconhecimento das diversidades e identidades sexuais, pautada na desconstrução da normatividade e aniquilamento das desigualdades e injustiças, é plausível, aplicável e imprescindível. Urge o olhar dos professores, pesquisadores e representantes políticos para uma abordagem que reconheça o estudo da Sexualidade em seus aspectos para além da constituição biológica humana: somos seres humanos, psicológicos, sociais, históricos; mais do que genitália e sexo, somos sujeitos de pulsões, desejo e falta, complexidade que não pode ser sujeitada ou subalternizada por meandros que não abarquem a singularidade plural dos indivíduos.

Referências



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BEARZOTI, P. **Sexualidade**: um conceito psicanalítico freudiano. Campinas, 1993.
Disponível em: < <https://pensaralem.files.wordpress.com/2013/05/sexualidade-psicanalise.pdf>> Acesso em: 02 Novembro 2014.

CARRARA, K. **Introdução à psicologia escolar**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

CASTANHO, S. E. M. . **Institucionalização escolar no Brasil**: 1879-1930. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia, MG. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia, MG: UFU, 2006. v. 1. p. 5794-5805.
Disponível em:<
http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/institucionalizao_escolar_no_brasil_1879-1930.pdf>. Acesso em: 02 Novembro 2014.

FELIPE, J. . **Pró-Posições** Gênero, Sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas, Campinas, v.18, n. 2, p. 77-87, maio/ago. 2007.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1927. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vXXI)

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. In: Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. (Org.). Fundamentos de epidemiologia. 2ed. A. 398 ed. São Paulo: Manole, 2010, v. , p. -377. Disponível em:
<http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf> Acesso em: 02 Novembro 2014.

LUGARINHO, M. C. Como traduzir a teoria queer para língua portuguesa? In: **Revista Gênero**, Niterói, v.1; n.2, 2001, p. 36-46)

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MEYER, D.; SOARES, R. **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão.** In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

MISKOLCI, R. Crítica à hegemonia heterossexual. **Revista Cult**, São Paulo: v.1, n.193, p 33-35, Agosto de 2014.

MOTT, L. **Antropologia, teoria da sexualidade e direitos humanos dos homossexuais.** [S.l.], 2007. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/bagoas/article/download/2252/1685>> Acesso em: 02 Novembro 2014.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento.** 2ª Ed. Vozes : Petrópolis, 1996.

VIANNA, C. P.; UNBEHAUM, Sandra. **O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002.** *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, jan/abril. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Outubro de 2014.